

## RESENHA

**YANNOULAS, SILVIA CRISTINA. “TRABALHADORAS: ANÁLISE DA FEMINIZAÇÃO DAS PROFISSÕES E OCUPAÇÕES”. BRASÍLIA: EDITORA ABARÉ, 2013.**

Erineusa Maria da Silva<sup>1</sup>

O livro intitulado “Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações”, publicado em 2013, foi organizado pela professora Silvia Cristina Yannoulas, profissional com dedicação acadêmica feminista louvável em relação às questões de gênero no Brasil e na América Latina. Yannoulas é professora na Universidade de Brasília (UnB) onde coordena o Programa de Pós-Graduação em Política Social desde 2013 e o Grupo de pesquisa “Trabalho, Educação e Discriminação” (TEDis), desde 2007.

A obra, prefaciada pela pesquisadora feminista Lourdes Bandeira, preenche uma significativa lacuna nos estudos que relacionam os estudos de gênero aos estudos do trabalho no que concerne à discussão sobre a divisão sexual do trabalho e os processos de feminização das profissões e ocupações no Brasil e na América Latina.

O livro apresenta os resultados de diversas pesquisas, relatos de experiência e revisões de literatura vinculados ao projeto “Trabalho e relações de gênero: análise da feminização das profissões e ocupações”, que foi aprovado pelo edital universal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em 2011 e viabilizado por meio de uma articulação nacional e internacional de grupos de pesquisa e pesquisadoras no campo dos

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Ginástica da UFES e doutoranda em Educação no PPGE/UFES. E-mail: erineusams@yahoo.com.br  
Pró-Discente: Caderno de Prod. Acad.-Cient. Prog. Pós-Grad. Educ., Vitória-ES, v. 21, n. 2, p. 114-119, jul./dez. 2015.

estudos de gênero e do trabalho. Esse projeto se referenciou em reflexões sobre a divisão sexual do trabalho que é considerada pelas pesquisadoras participantes a maneira originária de organização social da atividade humana por ser antecedente à emergência das sociedades baseadas na propriedade privada. Em outros termos, o olhar do grupo se voltou de forma articulada para as relações sociais de sexo/gênero, classe social e raça/etnia por entendê-las como consubstanciais já que essa alquimia das categorias se apresenta em toda prática social.

Um dos elementos mais produtivos da obra organizada por Yannoulas é olhar o que as pesquisas sobre trabalho formal têm chamado de "feminização"<sup>2</sup>, por meio, também, do próprio campo docente-acadêmico, universitário - a que as autoras do livro estão inseridas. Yannoulas, na apresentação do livro, ressalta a necessidade de se estudar a feminização (e, numa perspectiva relacional, também a masculinização), na medida em que essa não significou a eliminação das fontes da discriminação seja no trabalho produtivo, seja no reprodutivo. Apresenta o estudo da feminização como uma possível chave para abrir as fronteiras das políticas e micropolíticas de poder que têm condenado homens e mulheres a determinados tipos de trabalho conforme seu pertencimento anatomobiológico. Coloca esse aspecto, claramente, em diálogo com o clássico ensaio de Virginia Wolf (2007) intitulado "Um teto todo seu", no qual Wolf questiona, por meio de sua formação escolar, em fins do século XIX e início do século XX, sobre como a produção social de saberes cria desigualdades entre homens e mulheres e, também, denuncia o silêncio ao qual as mulheres foram sujeitadas por serem consideradas incapazes e inferiores por natureza.

Nesse sentido, os estudos apresentados no livro têm como matriz central uma referência no caráter socialmente construído da assimetria nas relações de gênero presentes na divisão sexual do trabalho, em especial na sua redefinição gerada pelo modo de produção capitalista. Partindo dessa perspectiva, os estudos buscaram atualizar e identificar o processo de mudanças e permanências ocorridas no campo das relações do trabalho no qual se percebe

---

<sup>2</sup> Para Yannoulas (2013), o significado de feminização inclui, mas expande, o de feminilização, pois, além de descrever a entrada das mulheres nos mercados de trabalho, também intenta explicar as motivações e impactos dessas inserções, trazendo à tona seu caráter ambíguo e contraditório.

uma feminização das profissões e ocupações, reflexionando criticamente sobre as possíveis comunicações entre os aspectos de mudanças quantitativas e qualitativas desses processos.

O livro foi organizado em duas grandes partes, a primeira intitulada “Explorando territórios: mulheres em trabalhos masculinos” e a segunda denominada “Revisitando territórios: mulheres em trabalhos femininos”. As duas partes que dividem a obra retomam o diálogo com o debate clássico da sociologia do trabalho que tem, por muitos anos, analisado como saberes e tecnologias são, persistentemente, associados a trabalhos socialmente considerados masculinos ou femininos. Outro elemento significativo dos textos que compõem a obra está no fato de o arcabouço de pesquisas publicadas nela explorar recursos e a divisão do trabalho produtivo e reprodutivo desde diferentes classes sociais. As pesquisas abordam a inserção de mulheres no campo da Física, da Matemática e da Engenharia, a feminização do magistério na educação básica, os impactos do Programa Bolsa Família na organização doméstica, passando, também, pelo trabalho de mulheres na Construção Civil. Os textos que compõem o livro, portanto, permitem ao leitor elaborar reflexões acerca de gênero, classe e escolaridade.

Na primeira parte do livro, na qual se analisam as mulheres em trabalhos ditos masculinos, as autoras Marcia Barbosa e Betina Lima abordam sobre as “Mulheres na física do Brasil: Por que tão poucas? E por que tão devagar?” e constataam que a participação feminina nessa área tem aumentado significativamente nos últimos anos, porém ocorre com mais de duas décadas de atraso se comparado com as áreas de Direito e da Saúde e com mais de uma década de atraso em relação às engenheiras. No texto “Gênero e trabalho no campo da matemática. Breve história e notas sobre diagnóstico preliminar”, Ângela Maria Souza e Márcia Barbosa de Menezes afirmam a existência de um processo de feminilização no campo da Matemática, mas acreditam que a presença incipiente de mulheres nessa área, que seguem construindo suas carreiras no campo do magistério, não alterou as práticas e a inspiração epistemológica característica do pensamento matemático. No texto “Formação e docência em Engenharia na ótica do Gênero: um balanço de estudos recentes e dos sentidos da feminização”, Maria Rosa Lombardi realiza uma análise do “estado da arte” do período de 2000 a 2012 no qual segue, a exemplo dos textos anteriores, questionando a respeito dos determinantes da persistência da sub-representação feminina no campo das Engenharias. Talita Oliveira, no texto “A inserção

das mulheres na construção: um retrato midiático sobre a expressão e reprodução da feminilidade no setor”, apresenta os resultados de uma pesquisa documental realizada de forma inovadora, por via do buscador *google*, nos quais visam identificar a maneira que os meios de difusão da informação (jornais, revistas, *blogs*, portais de notícias e outros) se reportam ao trabalho executado pelas mulheres no setor da construção civil e como isso contribui para a disseminação de estereótipos em torno da mão de obra feminina.

Na segunda parte do livro, na qual as autoras analisam as mulheres em trabalhos femininos, Claudia Pereira Vianna apresenta-nos o texto “A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente” no qual aborda sobre o movimento histórico de inserção da mulher no magistério, sobre a estratificação da carreira docente e também sobre o seu rebaixamento salarial. Discute com propriedade o conceito de identidade docente e as tensões e ressignificações que esse conceito está sujeito. A seguir, no texto “A feminização do trabalho no contexto da saúde pública: reflexos da reestruturação produtiva no Serviço Social e na Medicina”, Marly de Jesus Sá Dias, em um texto extremamente bem estruturado, apresenta-nos um vasto leque de dados obtidos por meio de pesquisa documental e de campo, com mulheres profissionais do Serviço Social e homens e mulheres da Medicina. Já Marlene Teixeira e Maria Stfhanie Cerqueira, no texto “O Programa Bolsa Família/Vida Melhor e as Mulheres: transferência de renda e equidade de gênero no Distrito Federal”, buscam investigar em que medida esse programa contribui para a superação das desigualdades de gênero e o fortalecimento das mulheres nas cidades de Gama e Taguatinga. O quarto texto, de Nora Goren, busca estar “Repensando el trabajo de las mujeres en los programas de transferencia condicionada de ingresos” na América Latina à luz da forma que assume a divisão sexual do trabalho e também do pressuposto da feminização da pobreza. No quinto e último texto da segunda parte do livro, Maria Mazzini Marcondes reflexiona sobre “O cuidado na perspectiva da divisão sexual do trabalho: contribuições para os estudos sobre a feminização do mundo do trabalho”.

No conjunto dos textos apresentados nas duas partes fica evidenciado que as transformações advindas da inserção das mulheres nos mercados de trabalho são muito significativas, no entanto não alteraram de maneira expressiva o tipo de carreira profissional ou ocupacional de

mulheres e nem de homens. Primeiro porque, geralmente, o trabalho chamado produtivo permanece se pautando pelo modelo profissional masculino e, segundo, porque o trabalho da reprodução humana continua invisibilizado, realizado a partir de um modelo doméstico feminino e quase exclusivamente executado por mulheres que ficam sujeitas a múltiplas jornadas de trabalho. Tal questão nos remete a reflexionar sobre o que a professora, escritora e ativista feminista Silvia Federici (2014) afirmou em recente entrevista ao periódico “Eldiario.es” que a entrada das mulheres no mercado de trabalho não as teria conduzido a um processo de liberação, já que esse espaço, não só para as mulheres mas também para os homens, é visto como um espaço de exploração do capital sobre o humano e no qual a inserção das mulheres tem representado, normalmente, mais precarização do trabalho. Concordo com a autora, mas é preciso ressaltar que não se pode negar os avanços e novas possibilidades de vida e de trabalho propiciados pelas mudanças conquistadas por dentro da ordem do capital.

Finalmente, em um texto proposto como conclusão ao livro, Anabelle Carrilho aborda a feminização na produção científica recente, traçando um perfil muito rico das publicações *online* (SciELO e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações-BDTD, principalmente), o que contribui significativamente para a compreensão sobre a feminização e a masculinização das profissões e ocupações no Brasil.

É preciso ressaltar, que os objetivos dos trabalhos apresentados no livro, não deixaram espaço para aprofundar a complexidade das relações sociais quanto à raça/etnia, identidade de gênero e orientação sexual. Esse é um debate que a Sociologia do Trabalho e suas articulações com os estudos de gênero necessitam realizar no sentido de proporcionar maior visibilidade às ocorrências do mundo do trabalho e, por consequência, possibilitar um olhar mais atento das políticas públicas sobre essa questão. Também mereceria discutir com maior vigor a respeito das potentes críticas acerca do modo como esse clássico campo de estudos tem reiterado a equalização discursiva entre sexo e gênero, temática debatida por autoras feministas como Donna Haraway (2004).

O livro, mesmo com a multiplicidade de abordagens e autorias nele contidas, mantém uma articulação teórico-metodológica e política impressionante em frente à questão central proposta pelo projeto de pesquisa. Os textos, de uma forma geral, apresentam uma vasta e riquíssima pesquisa bibliográfica, conformando o estado da arte sobre a feminização. Finalmente, gostaria de ressaltar a importante função social que essa obra cumpre ao voltar seu olhar para uma população excluída social e culturalmente — as mulheres trabalhadoras — fazendo também cumprir uma função precípua da universidade pública.

Assim, considero a obra aqui resenhada uma leitura fundamental, quiçá obrigatória para as pessoas que se propõem estudar ou militar na interface entre estudos do trabalho e estudos de gênero, e também a quem deseja atualizar e aprofundar conhecimentos a respeito das mudanças e permanências dos processos de feminização das ocupações e das profissões e os paradoxos gerados por essas transformações no mundo do trabalho.

## REFERÊNCIAS

FEDERICI, Silvia. Es un engaño que el trabajo asalariado sea la clave para liberar a las mujeres [on-line]. **Periodico Eldiario.es**. Entrevista concedida a Ana Requena Aguilar. Madrid, 2014. Disponível em: <[http://www.eldiario.es/economia/engano-trabajo-asalariado-liberar-mujeres\\_0\\_262823964.html](http://www.eldiario.es/economia/engano-trabajo-asalariado-liberar-mujeres_0_262823964.html)>. Acesso em: 20 jun. 2015.

HARAWAY, Donna. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Revista Cadernos Pagu**, n. 22, p. 201-246, 2004.

YANNOULAS, Silvia Cristina. **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília: Editora Abaré, 2013.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do livro, 2007.

Pró-Discente: Caderno de Prod. Acad.-Cient. Prog. Pós-Grad. Educ., Vitória-ES, v. 21, n. 2, p. 114-119, jul./dez. 2015.